Simão, o Mago

I

Para não cortar as Biografias dos sete diáconos apostólicos com uma narração estranha, reservamos até aqui a história de Simão, o Mago, embora dele se tenha tratado na vida do diácono santo Filipe. Eis o que os Atos dos Apóstolos, capítulo VIII, nos dizem desse personagem tristemente famoso.

II

> *Havia porém nella hum homem, por nome Simão, o qual antes tinha alli exercitado a mágica, enganando ao povo Samaritano, dizendo, que elle era hum grande homem: a quem todos davão ouvidos des do menor até ao maior, dizendo: Este he a virtude de Deos, a qual se chama grande. E elles o attendião: porque com as suas artes mágicas por muito tempo os havia dementado. Porém depois que crêrão o que Filippe lhes anunciava do reino de Deos, hião-se baptizando, homens e mulheres, em nome de Jesu Christo.*

III

> *Então creo tambem o mesmo Simão: e depois que foi baptizado, andava unido a Filippe. Vendo tambem os prodigios, e grandissimos milagres que se fazião, todo cheio de pasmo se admirava. Os apostolos porém que se achavão em Jerusaleme, tendo ouvido que a Samaria recebera a palavra de Deos, mandárao-lhes lá a Pedro, e a João. [...] Então punhão as mãos sobr'elles, e recebião o Espírito Santo.*

IV

> *E quando Simão viu que se dava o Espírito Santo por meio da impoção da mão dos apostolos, lhes ofereceu dinheiro, dizendo: Dai-me tambem a mim este poder, que qualquer a quem eu impozer as mãos, receba o Espírito Santo. Mas Pedro lhe disse: O teu dinheiro pereça contigo: huma vez que tu te persuadiste, que o dom de Deos se podia adquirir com dinheiro. Tu não tens parte, nem sorte alguma, que pretender neste ministerio: porque o teu coração não he recto diante de Deos. Faze pois penitencia d'esta tua maldade: e roga a Deos, que se he possível, te seja perdoado este pensamento do teu coração. Porque eu vejo que tu estás n'hum fel d'amargura, e preso nos laços da iniquidade. E respondendo Simão, disse: Rogai vós por mim ao Senhor, para que não venha sobre mim nenhuma cousa das que haveis dito.*

V

Quase cada linha desse relato dá lugar a pormenores históricos tanto mais interessantes quanto menos conhecidos ou mais esquecidos, e que nos dão a conhecer o estado do mundo no momento da pregação do Evangelho. Nascido na aldeia de Gitta, na Samaria, Simão era um mágico célebre.

De uma forma ou de outra, o comércio do homem com o demônio existiu desde o começo do mundo, entre todos os povos civilizados ou bárbaros; e ainda existe. Nós mesmos, cristãos, devemos formar uma ideia verdadeira de sua natureza e de sua generalidade.

VI

Testemunha ocular, Tertuliano nos diz que o mundo estava atulhado de oráculos: *Oraculis stipatus Orbis*. Crer que esses oráculos e os prestígios que os confirmavam eram puras charlatanices seria erro manifesto e um desmentido gratuito à história universal, tanto sagrada quanto profana. Simão de Samaria fazia, pois, prestígios espantosos quando o diácono santo Filipe veio pregar o Evangelho. Assim como os prestígios dos magos do Faraó empalideceram diante dos verdadeiros milagres de Moisés, os prestígios de Simão empalideciam diante dos milagres do pregador do Evangelho.

VII

Invejoso dessa superioridade, Simão pediu e recebeu o batismo, sem dúvida na esperança de possuir o mesmo poder. Seu pensamento tornou-se manifesto quando os Apóstolos são Pedro e são João vieram administrar o sacramento da confirmação aos cristãos da Samaria. À vista dos dons miraculosos que recebiam os confirmados: dom das línguas, dom de profecia, dom de cura, Simão ofereceu dinheiro a são Pedro para obter conferir o mesmo sacramento. Como o poder de confirmar é reservado aos bispos, Simão queria, pois, comprar o episcopado a preço de dinheiro. É

daí que o criminoso e deplorável abuso de vender ou comprar as dignidades eclesiásticas tomou o nome de simonia.

VIII

Simão se fazia passar pela Grande Virtude de Deus. Em discursos mais ou menos incoerentes e odiosamente blasfemos, assim se explicava:

> *Sou eu — dizia — que, na pessoa do Pai, dei no monte Sinai a antiga lei a Moisés; sou eu que, no tempo de Tibério, apareci em aparência na pessoa do Filho; sou eu o Espírito Santo que desci sobre os Apóstolos em línguas de fogo. Quanto a Cristo, não veio e nada sofreu dos judeus.*[1]

IX

Quando um homem começa por semelhante absurdo, não há erros, dogmáticos ou morais, por extravagantes que sejam, que não se devam esperar. Simão levava, pois, consigo uma mulher, a quem chamava Helena, em grego Selene. Dizia que essa mulher era o primeiro pensamento, ou o primeiro poder saído de seu espírito. Foi por ela que foram criados os anjos e arcanjos. Desceu em seguida às regiões mais próximas da terra e criou os poderes inferiores que modelaram este mundo.

Esses espíritos, invejosos da alta dignidade de Helena, apoderaram-se dela e a exilaram em corpos mortais para impedir seu retorno ao mundo superior. Foi assim que o mal alcançou a vitória sobre o bem e que se pôs a necessidade da Redenção.[2]

X

A Ennoia, ou a Helena tornada cativa, teve de sofrer o mais duro destino, transmigrando de um corpo feminino a outro, ultrajada e vilipendiada. Por fim o Deus supremo resolveu libertá-la, e seu grande poder encarnou em Simão. Este, atravessando as diferentes regiões do céu, tomando a cada degrau a forma dos habitantes da região percorrida, apareceu enfim sob a forma humana, primeiro entre os judeus, depois no meio dos samaritanos. Encontrou a infeliz Ennoia cativa no corpo de uma escrava, cortesã em Tiro, chamada Helena, à qual se uniu e com a qual percorreu todo o país.

XI

Simão, o Mago, foi, pois, o primeiro dos heresiarcas; e seus costumes, como os de seus adeptos, estavam em harmonia com suas doutrinas. Os simonianos foram os homens mais depravados de seu tempo.

Lendo esse resumo das doutrinas de Simão, espanta que tenha podido achar sequer um partidário. Contudo, até o fim do século, contou-se número grandíssimo deles, sobretudo no Oriente. O espanto cessa quando se lembra que, nessa época, o espírito das trevas e da mentira era, como diz o Evangelho, o rei e o deus do mundo; e que nas religiões de todos os povos pagãos se encontram erros mais ou menos grosseiros e aceitos não só pelos ignorantes, mas também pelos filósofos.

XII

Quanto aos prestígios de Simão, eram um grande obstáculo à aceitação do Evangelho, no sentido de que pareciam tornar duvidoso o caráter divino dos milagres apostólicos: prova a mais da intervenção onipotente de Deus no estabelecimento do cristianismo. Notemos de passagem a malícia infernal do demônio que os operava. Esses prestígios tinham por fim continuar as doutrinas de Simão. Ora, essas doutrinas atacavam diretamente a divindade de Nosso Senhor.

XIII

Aqui se revela todo o plano da guerra eterna de Lúcifer contra o Verbo encarnado desde a queda dos anjos. A divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo sempre foi o alvo de três grandes sistemas de erros que dominaram o mundo e ainda o dominam: o panteísmo, o materialismo e o racionalismo.

O panteísmo: se tudo é Deus, não há encarnação divina.

O materialismo: se tudo é matéria, não há encarnação divina.

O racionalismo: se toda verdade está contida nos limites da razão, não há mistérios, portanto não há encarnação divina.

A esses três chefes, que têm por fim tornar impossível a crença na encarnação do Verbo, relacionam-se, repetimos, todos os erros religiosos passados, presentes e futuros. É a demonstração peremptória de que o Verbo feito carne é o ponto central em torno do qual gravitam todos os acontecimentos da história sagrada e profana, o objeto eterno de todos os ódios e de todos os amores, por conseguinte a verdade viva e toda a verdade.

XIV

O nome de Simão lembra um contraste notado antes de nós. Assim como Simão Pedro foi o general-chefe do exército do bem, Simão, o Mago, foi o general-chefe do exército do mal: dois

Simões dirigindo a luta eterna cuja aposta é a humanidade. Por quê? *Scit, qui ipse fecit* (*«sabe-o quem o fez»*); sabemos apenas que nada é efeito do acaso.

XV

Primogênito de Satanás e, a esse título, inimigo implacável de Nosso Senhor e de são Pedro, Simão, o Mago, sabendo que o chefe dos Apóstolos devia ir a Roma, apressou-se em precedê-lo, a fim de arruinar de antemão sua pregação na imensa capital. Chegou ali no ano 42 de Nosso Senhor, segundo do imperador Cláudio. Imediatamente pôs mãos à obra. Por meio dos prestígios com que seduzira os samaritanos, atraiu a admiração dos romanos. Plebeus, cavaleiros, senadores, o próprio Nero, todos estavam suspensos de seus lábios. A tal ponto que o tomaram por um deus e lhe ergueram uma estátua com esta inscrição: A Simão Deus Santo; *Simoni Deo Sancto*.

XVI

Sobre esse fato, em vão atacado pela crítica moderna, poderíamos citar o testemunho de vinte Padres da Igreja. Basta ouvir são Justino. Testemunha ocular do que refere, esse Padre, um dos mais sábios, consignou o fato em questão em sua célebre Apologia dos cristãos, isto é, num monumento público, apresentado ao imperador Antonino, monumento tão verídico e tão importante que fez suspender a perseguição.

XVII

Ouçamos o ilustre apologista:

> *Um certo Simão, samaritano, nascido na aldeia de Gitta, veio a Roma sob o império de Cláudio. Graças aos prestígios demoníacos que operou em vossa cidade imperial, foi tido por deus; e como tal lhe ergueram uma estátua, posta no meio do Tibre, na ilha do Tibre onde havia um templo de Esculápio, entre as duas pontes; a estátua traz esta inscrição latina: A SIMÃO DEUS SANTO; e quase todos os samaritanos o tomam pelo deus supremo e o adoram como tal; mas bem poucos, nas outras nações, lhe prestam o mesmo culto.*[3]

XVIII

Desde o ano 42 de Nosso Senhor até o ano 66, isto é, o décimo segundo do reinado de Nero, Simão, tornado quase senhor de Roma, multiplicava seus erros e prestígios. Nero não podia passar sem ele. Para seus prestígios, Simão se servia do retrato de uma criança que assegurava ter sido

criada, não com terra, como Deus fizera com o primeiro homem, mas com ar; depois, tendo-a matado, pelo direito de sua onipotência, conservara-lhe a imagem para servir à sua própria glória.

A verdade é que, com o auxílio desse quadro, tendo-o na mão, fazia aparecer espíritos que conjurava nas tenebrosas reuniões de seus íntimos e sobretudo na presença de Nero.[4]

XIX

Quando seguia César, com seus amigos, através dos átrios do Palatino ou das intermináveis galerias da Casa de Ouro, parava de repente e, por meios diabólicos, fazia mover as estátuas circundantes, que, tombando sobre as bases, pareciam inclinar-se diante do mestre, para imensa estupefação de Nero.

XX

Se tomava lugar à mesa imperial, no momento em que menos se pensava, excitava rajadas de vento que punham em desordem e faziam ruir o aparador imperial, até que essa massa de vasos de ouro, de cristais, de pedras preciosas, esses pratos cheios de iguarias se erguessem por si mesmos, sem auxílio de nenhuma mão, e viessem apresentar-se aos convivas.

Depois, de súbito, uma porta fechada à chave abria com grande estrondo seus dois batentes, e via-se sair um enxame de formas graciosas que vinham recolher o serviço e o levavam de volta ao aparador. Depois do que, a um sinal do mestre, empalideciam, tornavam-se aéreas e desapareciam.

XXI

À vista desses prestígios e de outros ainda, Nero já não punha medida em sua veneração pelo deus sentado à sua mesa. Lisonjeava-o e rebaixava-se até suplicar-lhe que se dignasse ensinar-lhe sua arte. Insistia tanto mais quanto, segundo Plínio, o Velho, Nero era o príncipe de toda espécie de magos.[5] Suetônio acrescenta que fez grandes promessas a um mágico da Armênia, chamado Tiridates, para induzi-lo a vir a Roma, e que o recebeu com extraordinária magnificência.[6]

XXII

Os incríveis sucessos de Simão, não somente no Oriente, mas no Ocidente, e sobretudo em Roma, não podiam deixar são Pedro indiferente. Coisa digna de nota! Então como hoje, o grito de guerra dos dois chefes do grande combate era: Roma ou a morte! *Roma o morte!* O apóstolo de Satanás, Simão, o Mago, dizia: *«Preciso de Roma, ou sou vencido.»* O Apóstolo do Verbo encarnado, Simão Pedro, dizia: *«Preciso de Roma, ou sou vencido.»*

XXIII

É por isso, pode-se afirmar com certeza, que são Pedro, voltado ao Oriente, regressou a Roma. Era urgente combater o mágico, por causa do imenso prejuízo que suas heresias causavam a toda a Igreja em geral e à de Roma em particular. Em sua segunda Epístola, escrita precisamente nessa época, o santo Apóstolo quase só combate o simonismo. Percebe-se a mesma tendência nas cartas aproximadamente contemporâneas de são Paulo, de são João, de são Tiago e de são Judas. Já a primeira viagem de são Pedro a Roma, sob Cláudio, fora empreendida com o mesmo fim.[7]

XXIV

Entretanto, Simão insinuava-se cada vez mais nas boas graças de Nero. Um dia lhe disse o que dissera em Samaria e repetia por toda parte: que era a grande virtude de Deus, superior aos anjos e iniciada em segredos que ultrapassavam a inteligência humana. *«Dar-vos-ei a prova disso voando pelos ares.»* Tomaram-no pela palavra e, num instante, sua promessa foi conhecida de Roma inteira. A ascensão devia realizar-se no primeiro dia dos jogos neronianos.

XXV

Embora só anunciada para o meio-dia, o Fórum começava, desde a terceira hora (9 horas), a tornar-se um oceano de cabeças humanas, e a cada instante a multidão crescia. Por fim apareceu Simão, acompanhado de César. Estava vestido com um grande manto de filósofo, branco como a neve, e a cabeça coroada de louros. Subiu ao Capitólio, onde fez suas evocações.

O sol resplandecia sob um céu sem nuvem. De repente uma nuvem escura, franjada de fumaça, começou a formar-se no cume da colina. Os relâmpagos a sulcavam de maneira sinistra: através dessa nuvem artificial, viu-se avançar uma quadriga de fogo, puxada por cavalos alados. Simão avançou, subiu triunfalmente ao carro, onde se manteve de pé, segurando as rédeas na mão esquerda, enquanto erguia a direita para o céu. Os cavalos pareciam calcar aos pés, em seus saltos gigantescos, o horizonte aéreo, ou nadar em seu próprio elemento.

XXVI

No Fórum, o terror fechava todos os lábios. Mal se ousava levantar os olhos para olhar o miraculoso personagem. O próprio Nero, do alto da sacada mais avançada da tribuna palatina, fixava timidamente o olhar no deus. Logo, porém, um imenso grito se elevou. O povo, inebriado à vista desse prodígio maravilhoso, batia frenético as palmas; exclamações subiam até o céu. Muitos se prostravam com a fronte contra a terra para prestar homenagem ao deus que fugia.[8]

No meio de tantas emoções, gritos e gestos, ninguém prestava atenção num ancião de cabelos brancos, ajoelhado sobre um grande bloco de pedra defronte do vestíbulo da régia casa Palatina. Suas mãos juntas estavam apoiadas num bordão de peregrino; parecia imóvel. Apenas levantava de tempos em tempos os olhos ao céu e murmurava uma palavra. Simão ganhava as alturas do espaço e se balançava nos ares, quase por cima da cabeça de Nero.

XXVII

O ancião, que era são Pedro, pôs-se de pé e estendeu a mão rezando. A esse gesto, o espetáculo mudou num piscar de olhos. A chama que envolvia o carro misterioso se desvaneceu. Ouviu-se uma detonação semelhante a um trovão. Todos os olhos fixos no céu viram evaporar-se o carro e os corcéis. Aquele que voava nos ares caiu girando no espaço, foi bater no canto da sacada onde estava César, rolou sobre as lajes e ficou estendido, seminu, numa poça de sangue, aos pés do ancião.

XXVIII

«Morreu! — Não, vive! — Não, morreu!» Tais foram os gritos dos espectadores. Logo todos se dispersaram, envergonhados de sua credulidade. De acordo quanto às circunstâncias desse fato incontestável com os historiadores latinos e gregos, são Clemente papa, discípulo querido de são Pedro, afirma ter recebido da própria boca do Apóstolo a narração do acontecimento.

> *Todos estavam na expectativa — dizia-me ele; eu, rezava à parte. Levado pelo demônio, Simão se eleva e voa pelos ares, dizendo que ia subir ao céu, de onde faria descer toda sorte de bens. Todo o povo o aclamava como um deus. Eu suplicava a Deus, por Jesus Cristo Nosso Senhor, que confundisse esse celerado, que o fizesse cair sem matá-lo e fizesse cair o poder de que os demônios se serviam para perder os homens.*

XXIX

> *Ergui então os olhos sobre Simão e disse: "Se sou o homem de Deus, o Apóstolo de Jesus Cristo, o doutor da verdade e não do erro como Simão, ordeno aos anjos apóstatas que sustentam Simão que o abandonem, para que caia e seja o riso de todos aqueles que seduziu." A essas palavras os demônios fogem, Simão cai e fratura as pernas. Então de toda a multidão se levanta um grito, dizendo: "O Deus que Pedro anuncia é o único verdadeiro Deus!" E muitos se*

> *converteram.*

XXX

São Pedro pedira que o mágico sobrevivesse à queda: sua oração foi atendida. A tradição refere que Simão, envergonhado de seu revés, se fez transportar a Brindisi, na extremidade oriental da Itália, talvez com a intenção de voltar ao Oriente, para continuar sua missão satânica onde a começara: Deus não o permitiu. Presa de dores atrozes ocasionadas pela queda, pediu que o levassem ao cume de uma montanha, de onde se precipitou e pôs fim à sua culpada vida.

XXXI

Entretanto Nero ficou furioso com a queda de Simão. Naturalmente descarregou sua cólera sobre são Pedro, denunciado como autor. Mandou prender o Apóstolo e lançá-lo na prisão Mamertina, edificada, ou melhor, escavada na própria rocha do Capitólio. O encarceramento de são Pedro teve lugar no mês de outubro do ano 65 de Nosso Senhor.

Durou nove meses, isto é, até o fim de junho do ano 66. São Paulo partilhou a detenção de são Pedro, não por ter contribuído para a queda de Simão, mas por ter convertido, na própria corte de Nero, uma infeliz criatura, objeto das paixões do monstro coroado.

XXXII

Como os horrendos dragões, objetos de terrores religiosos, que os primeiros Apóstolos do Evangelho encontraram em grande número de lugares, os espantosos prestígios de Simão, o Mago, nos revelam os gigantescos combates que os Apóstolos tiveram de travar para expulsar Satanás de seu império usurpado. A nós mesmos ensinam quanto deve ser viva nossa gratidão ao divino Libertador do mundo e a seus enviados, que, ao preço de inconcebíveis trabalhos coroados pela efusão de seu sangue, levaram a todas as nações, então assentadas nas sombras da morte, a benfazeja luz do Evangelho. Gozemos desse imenso benefício, mas não esqueçamos os benfeitores.[9]

Notas

[1] *Dixerat se in monte Sina legem Moysi in persona Patris dedisse Judæis; tempore Tiberii in Filii persona putative apparuisse; postea se in linguis igneis Spiritum Sanctum super Apostolos venisse, Christum autem nec venisse, nec a Judæis quidquam pertulisse.* («Dissera que no monte Sinai dera aos judeus a lei a Moisés na pessoa do Pai; que no tempo de Tibério aparecera putativamente na pessoa do Filho; depois, que em línguas de fogo viera como Espírito Santo sobre os Apóstolos;

quanto a Cristo, nem viera, nem sofrera coisa alguma dos judeus.») S. Aug., lib. *de Hæres.*, c. *Simon le Magicien*.

[2] Esse erro é o fundo do gnosticismo. Os adeptos dessa abominável seita pretendiam que, todas as vezes que Deus se contempla, a atividade divina se torna uma realidade nova chamada Éon. Esses éons engendram-se uns aos outros e, afastando-se do princípio primordial, tornam-se cada vez menos perfeitos, o que explica a existência de espíritos de diversos graus. Quanto ao mundo material, atribuíam-no a um princípio mau e eterno.

[3] *Simon nimirum quidam Samaritanus, in vico cui est nomen Gitton, natus, qui sub Claudio Cæsare efficacium dæmonum arte in imperiali urbe vestra Roma, propter magicas, quas exhibuit virtutes, deus habitus est, et statua apud eam, veluti deus honoratus; quæ statua in amne Tiberi inter duos pontes est erecta, latinam hanc habens inscriptionem: Simoni Deo Sancto; ac Samaritani prope omnes, ex aliis autem nationibus perpauci illum quasi primum deum esse confitentes, adorant quoque... In vestra urbe terrarum domina sub Claudio Cæsare Simon magus senatum populumque romanum in tantum admiratione sui stupefecit, ut haberetur pro deo et receptus in deorum numerum honoraretur, dicata sibi statua.* («Certo Simão, samaritano, nascido na aldeia chamada Gitton, que, sob Cláudio César, pela arte de eficazes demônios, em vossa cidade imperial, Roma, por causa das virtudes mágicas que exibiu, foi tido por deus, e honrado junto a ela com uma estátua como deus; estátua que foi erigida no rio Tibre, entre as duas pontes, tendo esta inscrição latina: Simoni Deo Sancto; e quase todos os samaritanos, e pouquíssimos das outras nações, confessando-o como primeiro deus, também o adoram... Em vossa cidade, senhora das terras, sob Cláudio César, o mago Simão estupefez de tal modo, com admiração de si, o senado e o povo romano, que foi tido por deus e, recebido no número dos deuses, foi honrado com uma estátua que lhe foi dedicada.») *Apol. pro Christ.*, n. 26. — Sabemos bem que, sob o papa Gregório XIII, achou-se o pedestal de uma estátua trazendo esta inscrição: *Simoni deo Fidio sancto sacrum*. Mas, supondo, o que está longe de provado, que esse pedestal tenha sido achado no próprio lugar indicado por são Justino, que relação há entre essa última inscrição e a que são Justino refere e que lera com seus próprios olhos? A existência de uma não destrói a existência da outra.

[4] É a necromancia antiga e o espiritismo moderno: *nihil novum sub sole* («nada de novo debaixo do sol»).

[5] *In ætate omnis magiæ generis Neronem fuisse principem.* («Em sua época, Nero foi o príncipe de todo gênero de magia.») *Hist.*, XXX, c. ii.

[6] *Magnis utique sollicitationibus Tyridatum a Nerone sollicitatum ut in Urbem veniret, magnificentissimeque ab eo exceptum.* («Tiridates, solicitado por Nero com grandes instâncias a vir à Urbe, e por ele recebido com a maior magnificência.») *In Neron.*, c. xiii.

[7] *Petrus secundo Claudii imperatoris anno ad expugnandum Simonem magum pergit.* («Pedro, no segundo ano do imperador Cláudio, vai combater Simão, o Mago.») *De virib. illust.*, c. *Simon le Magicien*.

[8] As *Constit. apost.* VI, 9; Hipólito, *Excid. Hierosol.*; são Justino, *Apol.*, 26; são Jerônimo falam das promessas, ameaças e blasfêmias de Simão, o Mago, e mencionam a coroa de louros e os aplausos

populares.

[9] Ver: Cor. a Lap., *in Act. app.*, viii, 5-24; Fogginio, *De romano D. Petri itinere et episcopatu*, exercitat. duodecima; Bar., *Ann.*, an. 44, n. 51-59; an. 68, n. 13-23. Nesses dois autores se encontram todos os testemunhos dos Padres e dos autores profanos relativos a Simão, o Mago.

Revision #1
Created 27 November 2026 01:06:38 by Admin
Updated 27 November 2026 01:06:39 by Admin